

# QUANDO O DISCURSO ESPECIALISTA INVADE A ESCOLA: A MEDICALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Caroline Affonso<sup>1</sup>; Daniel Farias<sup>2</sup> & Fernanda Canavêz<sup>3</sup>

1. Bolsista de Iniciação Científica FAPERJ e Discente do Curso de Psicologia, UFRRJ; 2. Discente do Curso de Psicologia, UFRRJ; 3. Docente do DEPSI/PPGPSI/IE, UFRRJ.

*Palavras-chave:* Contemporaneidade, Apelo aos Especialistas, Medicalização, Educação.

## Introdução

Este trabalho decorre do projeto de iniciação científica intitulado *O fenômeno do bullying a partir da narrativa de profissionais da Educação Básica*, que objetiva o estudo do *bullying*, tomado como um fenômeno característico do mal-estar contemporâneo na Educação. O *bullying* é investigado a partir de dois eixos temáticos, quais sejam: a medicalização na educação e o apelo aos especialistas, dentre os quais os profissionais de Psicologia.

Por medicalização compreende-se um processo em que complexas questões sobredeterminadas – de ordem social, subjetiva, histórica – são interpretadas e tratadas como se decorressem apenas do campo médico. Trata-se de um termo destacado por Ivan Illich “ao alertar que a ampliação e extensão do poder médico minava as possibilidades das pessoas de lidarem com os sofrimentos e perdas decorrentes da própria vida e com a morte, transformando as dores da vida em doenças” (Moysés & Collares *apud* Illich, 2010, 72-73).

No campo da Educação, a medicalização se faz presente por conta do aparecimento das “doenças do não aprender”, como exemplificam a profusão de diagnósticos tais quais a Dislexia e o atual Transtorno por Déficit de Atenção e Hiperatividade (Moysés e Collares, 2010), relegando aos alunos uma espécie de fracasso por não atingirem os parâmetros estabelecidos para o seu processo de escolarização.

O fracasso atribuído às crianças que estão passando pelo processo de escolarização é sustentado pelo discurso especialista, que pode ser representado pelos campos da Psiquiatria, Psicologia, Fonoaudiologia, Psicopedagogia. Estes podem estar a serviço de reduzir os entraves no processo de escolarização à pretensa organicidade do “não-aprender”, tornando os professores e os próprios alunos impotentes para lidarem com tais entraves. Tem-se, assim, uma verdadeira invasão do discurso médico-psicológico como saber especialista na escola (Guarido, 2010).

Patto (1999) formulou importantes contribuições no sentido de romper com o estigma de que fracasso é culpa do aluno ou de sua família e alerta para a presença dos determinantes institucionais e sociais na produção do fracasso escolar, para além de problemas emocionais, orgânicos e neurológicos, rompendo assim com as visões psicologizantes, ou decorrentes da teoria da carência cultural, que se tornaram comuns nas falas e nas práticas entre os educadores e nas políticas oficiais.

O encaminhamento dessas crianças para os serviços de Saúde (Souza, 2005), ao invés de lidar com essas questões no âmbito escolar, torna evidente o apelo da escola ao discurso especialista como forma de resolução dos problemas e o consequente diagnóstico das doenças do não-aprender e suas respectivas formas de tratamentos, dentre elas a prescrição de medicamentos.

## Metodologia

Investigação bibliográfica de temas relacionados aos eixos: medicalização da Educação e apelo aos especialistas; Transcrição e análise de uma entrevista semidiretiva realizada com um profissional da Educação Básica do município de Seropédica, no quadro da pesquisa *Modos de subjetivação e contemporaneidade: o fenômeno do bullying a partir da narrativa de profissionais da Educação Básica*, em curso desde 2014, sob a coordenação da Profa Dra Fernanda Canavêz.

## Discussão e Resultados

Na entrevista em questão é possível fazer uma correlação entre a bibliografia pesquisada e a narrativa da docente entrevistada. Isto porque ela cita que muitos alunos são encaminhados para o atendimento psicológico: “a gente tem muitos problemas de alunos encaminhados para psicólogos (...) até com professor mesmo, a maioria dos professores toma tarja preta”, indicando uma leitura que sugere que tais alunos apresentariam problemas de ordem médica que atrapalhariam seu desempenho escolar. Sendo assim, a “solução” encontrada pela escola é o encaminhamento a especialistas, sobretudo o de Psicologia. Essa lógica estaria, inclusive, também presente no mal-estar experimentado pelos docentes.

Na fala da docente é possível perceber que o profissional de Psicologia é solicitado para a resolução de problemas de alunos como se os professores estivessem se sentindo impotentes para lidar com as questões se inserem no processo de ensino-aprendizagem, como se a única alternativa fosse o apelo ao especialista. Trata-se de um movimento amplamente indicado na bibliografia consultada (Prudêncio et cols, 2015). Faz-se importante, portanto, problematizar a expectativa da escola em relação à atuação de tal especialista.

A Psicologia, por sua vez, deve se posicionar criticamente frente à convocação que não raras vezes é feita pela escola. Se o profissional de Psicologia compreende a queixa escolar sob um aspecto patologizante, individualizante, medicalizante, está corroborando encaminhamentos que culpabilizam o aluno pelo fracasso escolar. Uma possível consequência desses encaminhamentos é o diagnóstico de algum tipo de transtorno relacionado à aprendizagem, como o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), que tem como forma de tratamento a prescrição de medicamentos como a Ritalina e o Cloridato de Metilfenidato, cuja venda cresceu 180% no período de 2009 e 2013, segundo dados publicados em uma nota técnica do Fórum sobre medicalização da educação e da sociedade em 2015.

### **Conclusão**

A partir dos resultados parciais apresentados, fica evidente a relevância do tema medicalização como algo que está presente no domínio popular, embora nem sempre haja a conscientização de que se trata de um processo histórico e político e que extrapola o contexto educacional. Portanto cabe avançar nas seguintes discussões: de que forma a Psicologia poderia contribuir no âmbito escolar sem reforçar o processo de medicalização? Por que a Psicologia é convocada a assumir esse lugar perante os problemas de aprendizagem?

### **Referências Bibliográficas**

FÓRUM SOBRE A MEDICALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO E DA SOCIEDADE. Nota técnica: o consumo de psicofármacos no Brasil, dados do sistema nacional de gerenciamento de produtos controlados Anvisa (2007-2014), 2015.

GUARIDO, R. A biologia da vida e algumas implicações do discurso médico sobre a educação. In: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo; Grupo Interinstitucional Queixa Escolar (Orgs). Medicalização de crianças e adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

MOYSÉS, M.A.A. & COLLARES, C.A.L. Dislexia e TDAH: uma análise a partir da Ciência Médica. In: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo; Grupo Interinstitucional Queixa Escolar (Orgs). Medicalização de crianças e adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos (p. 72-73). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

PATTO, M.H.S. A Produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

PRUDÊNCIO, L.; GESSER, M.; OLTRAMARI, L & CORD, D. Expectativas de educadores sobre a atuação do psicólogo escolar: relato de pesquisa. In: Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (p. 143-152), SP. Volume 19, Número 1, 2015.

SOUZA, M.P.R. Prontuários revelando os bastidores do atendimento psicológico à queixa escolar. In: Estilos da Clínica, v. 10, n. 18, 2005.